

VIOLÊNCIA CONTRA MENINOS CONSIDERADOS AFEMINADOS: TENSIONANDO OS *SCRIPTS* DE GÊNERO NA INFÂNCIA

Eixo Temático 02 - A Produção de Pesquisas sobre Infâncias, Gênero e Sexualidade na Educação

Cristiano Eduardo da Rosa ¹

RESUMO

Neste trabalho problematizo a violência contra meninos considerados afeminados a partir de três reportagens brasileiras publicadas *online* envolvendo crianças que são agredidas por seus pais. Operando com os Estudos de Gênero em uma perspectiva pós-estruturalista de análise, investigo de que maneira os *scripts* de gênero atuam na ocorrência de maus-tratos emocionais e físicos contra crianças pelas suas famílias na medida em que determinados comportamentos desestabilizam as normas que ditam o que seria masculino. Desta maneira, evidencia-se a violência motivada pela frustração com a não correspondência das expectativas em relação a uma masculinidade idealizada para os filhos, potencializando discursos e atitudes machistas, misóginas e homofóbicas que interpelam os sujeitos já na infância.

Palavras-chave: Infância; *Scripts* de Gênero; Masculinidades; Violência.

SOBRE UMA REALIDADE SUBNOTIFICADA E SILENCIADA

A violência contra crianças e adolescentes é uma das violações de direitos mais recorrentes no Brasil, sendo este o grupo com mais denúncias registradas no Disque Direitos Humanos em 2019 (BRASIL, 2020). Tais dados têm aumentado com o passar dos anos – ainda mais com o advento da Pandemia do Covid-19 – resultando em altos índices de variados tipos de violência, como psicológica, física e sexual.

Desta maneira, entendendo a relevância de articular algumas categorias de análise para compreender os processos de violências contra essa população, meu objetivo com este trabalho é compreender como os *scripts* de gênero atuam sobre os meninos considerados

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, cristiano1105@hotmail.com;

afeminados em um movimento que os tornam vulneráveis para a ocorrência de maus-tratos emocionais e físicos, inclusive vindos de suas famílias.

Para isso, analiso três reportagens *online* de casos ocorridos no Brasil em 2014, 2019 e 2021 envolvendo violência física contra meninos de três, seis e nove anos de idade que, na visão de seus pais, apresentavam comportamentos afeminados e, por isso, sofreram violências que foram desde espancamento, lesão na cabeça e até assassinato.

Tais ocorrências acabam evidenciando uma violência que é motivada por uma espécie de frustração em virtude da não correspondência das expectativas estabelecidas pela figura paterna em relação à masculinidade idealizada para os filhos, o que produz e potencializa discursos e atitudes que se configuram como machistas, misóginas e homofóbicas, interpelando os sujeitos desde sua infância.

Sendo assim, por meio deste trabalho, é possível observar como os *scripts* de gênero corroboram para o investimento e a manutenção de uma educação para as masculinidades que não permite desvios, que vigia comportamentos e que pune aqueles que tendem a fugir dos roteiros pré-estabelecidos antes mesmo do nascimento, sejam crianças, adolescentes ou adultos, promovendo preconceito e violência que ferem os Direitos Humanos.

REPORTAGENS COMO DADOS ANALÍTICOS

Como metodologia, neste trabalho opero com a análise de três reportagens publicadas *online* de casos ocorridos no Brasil com um mesmo eixo central: pais que agrediram os filhos meninos por comportamentos considerados afeminados. Os textos analisados, sob a perspectiva dos Estudos de Gênero em um viés pós-estruturalista, decorreram de uma pesquisa na página de notícias do Google com as palavras “violência” e “menino afeminado”.

A primeira reportagem tem como manchete *Menino de 8 anos é espancado até a morte pelo pai para 'andar como homem'* e foi publicada pelo jornal Estadão em 5 de março de 2014; já a segunda, intitulada *Pai espanca filho de 3 anos que usou batom: “Não quero viado em casa”*, foi publicada pelo portal de notícias Petrópolis em 9 de abril de 2019; e a terceira reportagem, com o nome *Pai arranca couro cabeludo do filho com faca por achar o corte "homossexual"*, foi publicada pelo portal de notícias IG em 13 de março de 2021.

GÊNERO E INFÂNCIA: O QUE DIZER DOS MENINOS AFMEINADOS?

Compreendo meninos afeminados nesta pesquisa como crianças designadas do gênero

masculino e que possuem comportamentos e preferências que seriam convencionadas ao gênero feminino; contudo, tal entendimento é operado aqui de maneira crítica e com aporte teórico nos Estudos de Gênero e a partir do conceito de *scripts* de gênero. Sendo assim, problematizo a educação dos corpos infantis masculinos e a constituição das masculinidades nas infâncias destacando que tais aspectos de identidade desses sujeitos não se relacionam diretamente com suas orientações sexuais, tendo em vista que um menino afeminado poderia se compreender, enquanto adulto, com qualquer identidade sexual ou de gênero.

Jane Felipe (2019, p. 241) opera com o conceito de *scripts* de gênero para pensar criticamente todas essas prescrições que nos são propostas e impostas desde o nascimento, podendo ser entendidos “como roteiros, definições, normas, apontamentos, às vezes negociáveis, em outras circunstâncias nem tanto, que prescreveriam as condutas dos sujeitos”. A autora ainda aponta que quando esses *scripts* são ignorados, modificados ou rompidos, a sociedade, sua principal promotora, “trabalha no sentido de impor sanções e promover discriminações a todos os sujeitos ou grupos que ousam romper, modificar ou mesmo (re)escrever seus próprios *scripts*” (FELIPE, 2019, p. 241).

Para Mahmoud Baydoun (2020, p. 74-75), a presença de traços de feminilidade em homens acaba por denunciar o fracasso do binarismo, uma vez que a figura do homem afeminado constitui “uma ameaça ao patriarcado, pois em uma era em que a masculinidade se encontra em crise, a figura de um homem que renuncia aos privilégios exclusivos dos titulares da masculinidade hegemônica é considerada desconcertante”.

Nesse sentido, Murillo Nonato (2020) pontua como o corpo e os comportamentos do homem afeminado passaram a ser considerados, por meio do *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)*, sintomas de desordem mental pelo código da Disforia de Gênero. Nessa perspectiva, o autor argumenta que por existir esse código, tal fato acaba por evidenciar que “o corpo afeminado encontra-se fora dos discursos da normatividade e se apresenta como forma de resistência” (NONATO, 2020, p. 61).

Desta maneira, observo que não é somente da área médica que surge a ideia de uma patologização dos corpos dissidentes, mas até mesmo de outras que poderiam subsidiar debates acerca das questões relativas à identidade e diferença, como é o caso da Educação, que por vezes tem corroborado com a hostilização e o preconceito contra sujeitos que rompem com os *scripts* de gênero e desafiam as normas estabelecidas sobre o ser menino ou menina. João Paulo de Lorena Silva (2018, p. 22), analisando as infâncias *queer* no currículo escolar, observa que elas “são atravessadas e constituídas por três diferentes linhas: a da precariedade (infância abjeta), a da estética (infância que assusta e fascina) e a da política (infância que luta

e resiste)". Sendo assim, os meninos afeminados estariam em um constante fluxo que envolveria processos de normalização, controle e resistência, que acabam constituindo modos de vida que demandam visibilidade e bagunçam os *scripts* de gênero.

Nos últimos anos tem sido possível observar uma crescente de estudos acadêmicos com enfoque na questão dos sujeitos homens afeminados, seja discutindo a constituição de suas infâncias e suas vivências no espaço escolar, seja debatendo esse aspecto da identidade masculina em contextos da vida adulta nos relacionamentos e no trabalho. Em relação às infâncias, os meninos afeminados têm sido chamados por diversas nomenclaturas que os adjetivam: como crianças ou infâncias dissidentes, queer, viadas, desviadas, etc.

VIOLÊNCIAS PELA FIGURA PATERNA: *SCRIPTS* EM JOGO

Apresento aqui três casos de violências contra meninos acontecidos no Brasil nos últimos dez anos. A primeira notícia, publicada pelo jornal Estadão em 5 de março de 2014, tem a manchete *Menino de 8 anos é espancado até a morte pelo pai para 'andar como homem'*, noticiando o caso de um pai que espancou o filho de 8 anos motivado pela postura do menino no Rio de Janeiro. O homem alegou que a criança era desobediente e afeminada, tendo agredido com tanta força que perfurou o seu fígado da criança, que também apresentava sinais de desnutrição.²

A segunda notícia, publicada pelo portal de notícias Petrópolis em 9 de abril de 2019, leva a manchete *Pai espanca filho de 3 anos que usou batom: "Não quero viado em casa"*. O texto aponta o caso de um pai que espancou o filho de 3 anos após o menino se sujar com batom enquanto estava na casa do homem em Uberaba, Minas Gerais. Após o envio de uma foto pela irmã mais velha das costas do menino bastante machucadas, a mãe, que era separada do pai, buscou os filhos e acionou a Polícia Militar. O homem confessou o crime e que teria feito uso de bebida alcoólica.³

E a terceira notícia foi publicada pelo portal de notícias IG com a manchete *Pai arranca couro cabeludo do filho com faca por achar o corte "homossexual"*, em 13 de março de 2021. O caso relatado foi de um pai que cortou o couro cabeludo do filho de 6 anos por causa do corte de cabelo do menino que considerou inadequado em Planaltina, Goiás. Após chegar bêbado em casa, o homem cometeu o crime contra a criança, que passou por cirurgia e

² Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,menino-de-8-anos-e-espancado-ate-a-morte-pelo-pai-para-andar-como-homem,1137536>. Acesso em: 13 dez. 2021.

³ Disponível em: <http://www.metropoles.com/brasil/pai-espanca-filho-de-3-anos-que-usou-batom-nao-queroviado-em-casa>. Acesso em: 13 dez. 2021.

recebeu 15 pontos na cabeça, e ainda ameaçou a esposa.⁴

Tais casos de violência contra meninos considerados afeminados foram explicitamente motivados pelo preconceito contra os aspectos convencionados femininos apresentados pelos meninos; contudo, fico a refletir sobre outros diversos casos de agressão ou mesmo assassinato de meninos que também poderiam ter sido suscitados por essa questão e que ficou na repercussão midiática de maneira implícita, velada ou mesmo desconhecida. Em seu texto *A guerra declarada contra o menino afeminado*, Giancarlo Cornejo (2015, p. 80) questiona "como a homossexualidade de uma criança se transfigura em seu assassinato?", e ainda aponta, de maneira bastante impactante, que "o berço de um menino mariquinha é a lápide de um menino heterossexual".

Nos últimos anos, tenho acreditado que parte significativa de tais violências podem ter sido incentivadas pela fala do atual presidente do Brasil quando ele afirma que "*Se o filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele*", proferida durante uma sessão da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados em novembro de 2010.⁵

Destaco que todas essas situações foram e são causadas pelo fato desses meninos não corresponderem às expectativas que a sociedade impõe sobre seus corpos, ditando como devem se comportar, vestir, o que devem consumir e preferir, etc. Nesse sentido, como argumenta Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017, p. 163), "uma criança não pode governar seu próprio corpo, mas é ensinada a governar os corpos de gayzinhos afeminados, dos viadinhos e das bichinhas".

Penso que relacionar casos de meninos considerados afeminados com sujeitos fracassados perante os *scripts* de gênero investidos a seus corpos nos remete à própria reescrita desses roteiros que pretendem normalizar e normatizar nossas vivências. A transgressão das normas, nesse sentido, evidentemente causa certo desconforto, uma vez que coloca sob suspeita a "naturalidade" do nascer menino. Afinal, antes mesmo do nascimento da criança, já se instaura uma rede de expectativas generificadas acerca daquele ser que com base em sua identidade sexual, cujas masculinidades e feminilidades vão sendo moldadas.

A performance considerada afeminada dos meninos é interpretadas por muitos como um desejo de ser do gênero feminino, tido pela maioria da sociedade como um sujeito de papel passivo, principalmente nas relações interpessoais e em especial no que tange a relação

⁴ Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-03-12/pai-arranca-couro-cabeludo-do-filho-com-faca-por-achar-o-corte-homossexual.html>. Acesso em: 13 dez. 2021.

⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2611201025.htm>. Acesso em: 10 abr. 2022.

sexual. Dessa forma, suspeito que muitos abusadores, além de se sentirem autorizados à prática da violência sexual, por uma cultura do assédio e do estupro, constroem uma ideia de que tais meninos estariam procurando e apto a manterem relações sexuais apenas por performarem trejeitos convencionados ao universo feminino – não que isso justifique as situações de violência/abuso sexual, pois nada justifica.

PELOS DIREITOS HUMANOS DE SER CRIANÇA

Como as pesquisas sobre violência contra crianças e adolescentes apontam, a maior parte dos casos de maus-tratos emocionais e físicos ocorre no âmbito doméstico, cometidos por familiares próximos e que, de alguma forma, sentem-se autorizados a violentar os corpos infantis e juvenis pelo simples fato de terem laços sanguíneos. Contudo, cabe refletir de onde vem e como funcionam esses atos que, antes de serem práticas, são discursos que invocam desigualdades e preconceitos, como o machismo, a misoginia e a homofobia.

Analisando três reportagens *online* de casos brasileiros de espancamento, lesão e assassinato praticados por pais contra seus filhos considerados meninos afeminados, tensiono como os *scripts* de gênero instauram um pânico moral para aqueles que criam expectativas de masculinidades que se pretendem hegemônicas e que não aceitam performances que não estejam de acordo com o que a sociedade tem estabelecidos como norma para o que é masculino, por exemplo.

Desta maneira, destaco a emergência de uma educação para a sexualidade que trabalhe com a questão da violência contra crianças e adolescentes articulada com gênero e sexualidade, assim como raça, classe e deficiência, entre outras categorias, a fim de que se promova uma educação que suscite os Direitos Humanos e que respeite esse público como agentes ativos na sociedade, e não como sujeitos passivos e dependentes.

REFERÊNCIAS

BAYDOUN, Mahmoud. **Não sou nem curto afeminados**: reflexões viadas sobre a efeminofobia nos apps de pegação. Salvador: Devires, 2020.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Disque Direitos Humanos**: Relatório 2019. Disponível em: http://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/disque-100/relatorio-2019_disque-100.pdf. Acesso em: 12 jul. 2021.

CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica,

FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

NONATO, Murillo. **Vivências afeminadas**: pensando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes. Salvador: Devires, 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays, afeminados, viados e bichas pretas na educação. Curitiba: Prismas, 2017.

SILVA, João Paulo de Lorena. **Infâncias queer nos entre-lugares de um currículo**: a invenção de modos de vida transviados. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.